

TÍTULO: A influência do Imigrante Italiano no turismo cultural da cidade de São Paulo.

Adriana Aparecida Santana

RESUMO: Estudo realizado sobre a influência do imigrante Italiano no que tange ao turismo étnico nos bairros do Brás, Mooca e Bela Vista. Usa-se de literaturas para discussão do assunto e observação *in lócus* nas festas. Para realizá-lo foi necessário a apresentação de um breve resgate histórico da imigração, discussão e apresentação de conceitos sobre turismo e seu nicho étnico, influência dos imigrantes, seus bairros remanescentes e a festas que acontecem nesses bairros.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Étnico – Imigração Italiana – Festas Italianas – Legado Italiano.

ABSTRACT: Directed study on the influence of Italian immigrant with regard to tourism in the ethnic neighborhoods of Brás, Mooca districts and Bela Vista. Use of literature is to discuss the matter and comment locus in the party. Which was necessary for submission of a brief history of immigration redemption, presentation and discussion of concepts on tourism and its ethnic niche, influence of immigrants, their remaining districts and festivals that happen in these neighborhoods.

KEYWORDS: Ethnic tourism – Italian Immigration – Italian Party – Italian Legacy

INTRODUÇÃO:

Este trabalho apresenta, por meio de um levantamento étnico italiano na cidade de São Paulo, com enfoque nos bairros do Brás, Mooca e Bela Vista, a influência do imigrante italiano no turismo cultural, cujo legado demonstra potencialidade para um aproveitamento turístico e possíveis formulações de roteiros.

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a existência de um legado de descendência italiana e a viabilidade de um turismo étnico nos bairros do Brás, Mooca e Bela

Vista. Como objetivos específicos, temos: apresentar parte do contexto histórico da imigração italiana em São Paulo; demonstrar a influência social e cultural dos imigrantes italianos na cultura paulistana; verificar e apresentar a visão dos visitantes das festas italianas – Nossa Senhora de Casaluce, São Vito Mártir, Nossa Senhora da Achiropita e San Gennaro. Para isso apresenta-se uma breve descrição histórica do motivo de vinda dos imigrantes, onde se instalaram e a formação dos bairros onde acontecem as festas, além de definições operacionais e conceitos do turismo.

O artigo apresenta ainda uma breve descrição da metodologia utilizada no estudo *in lócus* finalizando com uma conclusão e Bibliografia.

O contingente expressivo de imigração italiana, no período das grandes imigrações, com representatividade que significou 42% de todos os imigrantes que adentraram no país, justifica uma abordagem do turismo étnico na cidade de São Paulo.

Esse contingente migracional trouxe uma forte influência na cultura paulistana em um encontro de etnias e referências culturais, ofertando ao turismo uma vasta culinária, artefatos, arquitetura e costumes. A diversidade ofertada por esta imigração apresenta subsídios para a ampliação da oferta turística no mercado como um todo.

A partir desse fato, torna-se necessário retornar a participação do imigrante na formação da cidade e os elementos presentes no cotidiano paulistano e de relevância turística, que atualmente são pouco utilizados como atrativos, mas que podem demonstrar-se como potencial para a oferta turística.

Tendo as festas italianas um calendário consolidado e divulgado em mídias - como TV, rádio e internet - o que se pretendeu é considerar como oferta turística todos os elementos que façam parte da memória coletiva dos bairros e que possam interagir para a composição de um produto turístico ou que possibilitem ordenar um roteiro na localidade receptora.

Ainda por se tratar de atrativos culturais abstratos – manifestações vivas e de fragilidade mais acentuadas pelas influências que podem receber, muitas vezes, imperceptíveis (BAHL, 1994, p.28) – as festas italianas podem ser beneficiadas com pesquisas que tragam elementos de suas origens e que possam auxiliar na preservação e resgate dessa herança imaterial, pois esses elementos de imigração podem ser alterados e esquecidos pelo processo de padronização.

Os interesses econômicos forçam a transformação de elementos naturais e culturais em espetáculos e a apropriação do turismo e do comércio em geral, de forma que acabam por prejudicar os elementos. No caso dos bairros que obtiveram forte presença imigrante, permanecem um tanto quanto esquecidos e com pouca alteração urbana, isto é verticalização, pois houve um deslocamento do núcleo financeiro para as áreas do chamado centro expandido, tais como Paulista, Morumbi, Moema e Brooklin. Assim, pode-se preservar os elementos já existentes sem necessidade de criação de cenários, possibilitando uma apropriação da história pela população.

Essa pesquisa trata de um tema pouco abordado no turismo e se valerá de conhecimentos de outras áreas, por isso de interesse da academia científica. Vale ressaltar as questões conceituais ainda pouco resolvidas sobre turismo étnico na cidade e sua viabilidade econômica.

Trata-se de uma pesquisa empírica que visa entender um fenômeno do turismo e lazer étnico na cidade de São Paulo principalmente no que tange aos bairros do Brás, Mooca e Bela Vista, trabalhando descrição e interpretações.

METODOLOGIA DO TRABALHO:

A pesquisa está dividida em duas partes: a primeira consiste em um levantamento documental de fontes secundárias que formam o quadro teórico da pesquisa. Estes são livros, teses e periódicos que tratam de turismo e da história da imigração na cidade de São Paulo.

A segunda parte tratou de um estudo nos bairros da Bela Vista, Brás e Mooca. De início foi realizado contato com os organizadores das festas e coletado dados com uma pesquisa qualitativa, a seguir foi realizada uma pesquisa de caráter quantitativo nas festas com visitantes e participantes do evento.

Para a pesquisa *in lócus* foi escolhido uma amostra de 180 entrevistados num universo de aproximadamente 470.000, na qual foram aplicados 45 questionários para cada festa. A coleta foi realizada por amostra aleatória simples com o propósito de verificar o público étnico, identificar se as festas fazem parte do legado étnico e se o público a vê dessa forma. Com o questionário também foi possível verificar o laço mantido com os descendentes e a memória coletiva dos participantes da festa. As perguntas da pesquisa eram abertas e fechadas, estas últimas em

maioria. A aplicação da pesquisa ocorreu nos fins de semana dos meses de maio a outubro de 2008.

A PRESENÇA IMIGRANTE NA CIDADE DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX.

Para melhor contextualizar o turismo étnico italiano torna-se necessário apresentar a origem da vinda desses imigrantes e locais onde foram instalados.

A imigração italiana era tão significativa que o imigrante italiano era considerado “o imigrante”. Dentre 1870 e 1920, cerca de 1,4 milhões de imigrantes italianos adentraram no país. Essa imigração coincide com o período de incentivo do governo paulista para a substituição dos escravos na lavoura cafeeira. Obtendo justificativas como o branqueamento da população, a necessidade de forjar uma mão-de-obra mais ‘civilizada’ e amenizar as relações de senhor/escravo.

A partir de 1820 até 1930 – data que limita a grande imigração para o Brasil – a Itália foi uma das maiores fornecedoras de imigrantes, graças a uma problemática econômica. A transição ao capitalismo na Itália, assim como em todos os países que passaram por esse processo, causou uma concentração de terra nas mãos de poucos agricultores, forçando uma migração para a cidade, que não tinha capacidade de absorção e gerando também uma miséria eminente. Isto somado a outros fatores como a infertilidade do solo devido à temporalidade e clima – o que já tornava normal a imigração do sul para o norte -, crescimento demográfico sem precedentes no período do séc. XIX, somado a substituição da mão-de-obra por máquinas e a melhoria do transporte marítimo causando emigração em massa para a América. (ALVIM, 2000, p.385 – 386). Entre 1841 e 1940, 7 milhões de italianos deixaram a pátria. A emigração causou então equilíbrio econômico na Itália. O dinheiro enviado pelos expatriados evitava, assim, uma rebelião.

A maioria dos imigrantes italianos saíram da região de Vêneto. Essa região forneceu, entre 1870 e 1920, 30% do total de imigrantes que vieram para o Brasil, transformando, assim, o Brasil no único país da América a receber vênets nesse período (ALVIM, 2000, p.386).

Até 1885 saem de Vêneto os meeiros, pequenos proprietários e arrendatários (ALVIM, 2000, p.386.). Após esse período cresce uma participação meridional e deportam os chamados *braccianti*, destituídos de capital, que possuem, apenas, braços para a lavoura de café.

Ainda que não tenha sido a única força propulsora, a lavoura cafeeira significou a vinda de 2,5 milhões de estrangeiros para o Estado de São Paulo.

A política de imigração torna-se diminuta somente em 1930 com o governo de Getúlio Vargas que limita a imigração e promove a idéia do “trabalhador nacional” justificando que a afluência de imigrantes causava desemprego nas populações urbanas.

Em São Paulo não houve concentrações peninsulares como no sul do país que formou “pequenas Itálias” (ALVIM, 2000, p.396). Aqui o que existiu foi uma divisão do trabalho: Itália cafeeicultora, trabalhadores da indústria e comerciantes – costureiras, alfaiates, garçons, músicos, mascates, etc.

Esses italianos eram vênnetos, calabreses, lombardos e sicilianos etc – e não possuíam uma idéia muito formada de país – traziam arraigados características regionais. Sobre essa explanação, temos que, “... as referências a tais imigrantes tratam o grupo de maneira geral, sem levar em conta suas peculiaridades...” (ALVIM, 2000, p.396.).

Os vênnetos – até 1890 – possuíam famílias grandes, eram muito ligados a terra e ansiaram por esta conquista, muito mais que os meridionais - calabreses, lombardos e sicilianos - que em geral, preferiam a cidade e vinham com famílias menores (ALVIM, 2000, p.396.).

A entrada desses imigrantes na lavoura do café não ocorreu de maneira suave, pois houve opressão dos fazendeiros acostumados a um sistema escravista, e do outro lado, os imigrantes que lutavam para preservar os valores de origem ameaçados pela estrutura das fazendas. Como vinham de sociedades onde o desenvolvimento capitalista já assistia a embates trabalhistas, não tardaram a reproduzir em São Paulo uma resistência de classe até então desconhecida dos fazendeiros brasileiros. As justificativas dos movimentos eram quase sempre o não pagamento e as tentativas de redução de salário, além de outras arbitrariedades como multas e proibições de culturas de subsistência nas fileiras intermediárias do cafezal. Assim, muitos imigrantes deixaram o campo para viver um sonho de liberdade e conquista na cidade. (ALVIM, 2000, p.401.).

Com o operariado não foi muito diferente: recebiam cerca de quatro mil réis em 1920 – sessenta centavos de dólar – por dia. Com isso, mal dava para comprar meio quilo de arroz ou macarrão, banha, açúcar e café, obrigando assim toda a família a trabalhar para reforçar a renda, o que beneficiava o empregador, pois pagavam salários baixos para mulheres e crianças por serviços equivalentes aos dos homens adultos. As moradias refletiam sua miserabilidade, habitando áreas de várzeas e – ou – muitas vezes em cortiços, que não ofereciam a mínima condição de higiene e privacidade.

LEGADO ÉTNICO COMO POTENCIALIDADE TURÍSTICA

São Paulo com título de cidade-mundo já é destino consolidado no Brasil e se diferencia de todas as outras cidades do país, não só pelo seu poderio econômico, mas pela aglutinação de povos que deram à metrópole ar de multifacetada.

Graças às diversas etnias que aqui vieram morar, São Paulo recebe nomes como capital gastronômica, cultural, de eventos e negócios, e não poderia deixar de mencionar que grande parte de seu sucesso hoje se deve a influências recebidas de todas as partes do país e grande parte do globo. A etnia italiana representou grande parte dessa consolidação e registra suas influências na gastronomia, na cultura, nos negócios e nos eventos.

O turismo é uma atividade que necessita de um deslocamento para um ambiente fora do cotidiano e que possui um caráter temporário de curto prazo. Trata-se também de uma ação que necessita da utilização de equipamentos turísticos tais como hotéis, restaurantes, postos de informações turísticas etc.. A apostila de capacitação do SEBRAE (2003) diz que o turismo é:

“...um conjunto de relações produzidas pelo deslocamento e permanência temporária de pessoas fora de seu local de domicílio, por motivos pessoais e ou profissionais, devendo provocar benefícios sociais, econômicos, culturais e ambientais”

Por isso também se trabalha aqui a idéia de lazer de caráter étnico já que os bairros anteriormente citados podem ser locais de lazer para os paulistanos. Segundo LEITE (1995, p16) apud Dumazedier (2001):

o “lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou ainda para desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após liberar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

O legado étnico é um conjunto de bens deixados para a humanidade e que representa uma etnia. Dentro da cidade de São Paulo aparece como um atrativo no leque de oferta turística já existente, ou mesmo, de um motivador para turistas que tem como objetivo o resgate de sua ascendência ou interesse por diversidade cultural. Segundo B AHL (2004, p.32), oferta turística “é o conjunto de bens e serviços oriundos da estrutura de atrativos, utilidade pública, geral e turística de uma localidade que, combinados de diferentes maneiras, permitem conformar produtos turísticos”. E para a definição de atrativos, também da mesma autoria, diz-se que “... são considerados elementos básicos para a determinação turística de uma localidade. Por vezes tornam-se o referencial do próprio local onde estão localizados ou se manifestam. Exigem por isso uma planificação que evite a sua descaracterização ou degradação” (2004, p.38).

Segundo BENI (2003, p.431), turismo étnico–histórico–cultural:

“Refere-se ao fluxo de turistas nacionais e internacionais que se deslocam centrados nas motivações de suas origens étnicas locais e regionais, e também no legado histórico cultural de sua ascendência comum. Incluem-se aí ainda aqueles que se deslocam com objetivos eminentemente antropológicos para conhecer *in loco* as características étnico culturais daqueles povos que constituem o interesse de sua observação”.

O turismo de caráter étnico apresenta uma diversificação do quadro turístico ofertado pela cidade, isto é, dos recursos preponderantes. Dessa forma pode garantir a maior permanência ou uma nova motivação para a mesma. Caracteriza-se, também, como um elemento instigador de turismo doméstico já que grande número desses descendentes não moram mais nos bairros, ou mesmo na cidade onde os imigrantes vieram morar. O turismo étnico, basicamente, trata de elementos artificiais que tem construções humanas e expressões socioculturais por meio das artes e gostos populares. Ainda para definições, B AHL (2004, p.44) diz serem atrativos turísticos “todos os elementos que possam despertar curiosidade dos turistas. Muitos atrativos apresentam-

se de maneira concreta tais como as edificações ou elementos naturais; outros, podem ser utilizados para se criar novos atrativos (eventos, festas, etc.)”.

Assim uma pesquisa *in lócus* em atrativos de caráter étnico auxiliam no levantamento do elemento motivador principal, público alvo e demanda potencial para roteiros e atrativos étnicos. Dessa forma, os eventos como as festas italianas pressupõem um interesse étnico e um bom local para pesquisa das demais potencialidades a serem utilizadas como produto turístico e/ou de lazer.

A pesquisa na festa também auxilia em uma verificação de interesse e laços mantidos com a etnia italiana, seja a partir do cotidiano ou na memória.

Elementos históricos de caráter étnico auxiliam na diversificação do produto turístico e ainda ajudam a preservar características únicas da comunidade receptora, fator bastante positivo por tratar-se de elementos que podem sofrer perdas permanentes.

A preservação do patrimônio cultural de caráter étnico italiano nos bairros do Brás, Mooca e Bela Vista representa uma possibilidade de preservação importante já que é parte de um contexto histórico de pessoas simples e humildes, situação pela qual pouco ainda resta como patrimônio cultural, dessa forma a questão ultrapassa o uso do turismo e responde a um fator social. Outro fator importante é o resgate histórico e preservação de bens desse caráter promovendo um resgate da memória da cidade, principalmente no que tange a elementos minoritários.

Patrimônio Cultural e Turismo

O patrimônio cultural e o turismo caminham juntos, de tal forma que às vezes são confundidos. Muitas vezes caracterizam-se como elementos de patrimônio cultural tudo que apresenta um interesse turístico, mas o patrimônio é um termo mais amplo. Na classificação de Varine-Boham o patrimônio cultural deve ser dividido em três grandes categorias: a primeira trata de elementos pertencentes à natureza e ao meio ambiente; a segunda trata dos grupos de elementos referentes a técnica do saber fazer, portanto elementos não tangíveis; já a terceira divisão reúne toda a sorte de coisas, bens tangíveis obtidos a partir do meio ambiente e do saber fazer (LEMOS, 2006, p.8-10). No caso dos bairros Brás, Mooca e Bela Vista trabalharemos com as duas últimas divisões.

A técnica do saber fazer apresenta-se nas festas italianas como a preparação do macarrão, dos pratos típicos italianos, a dança e músicas e os bens tangíveis é toda arquitetura que vislumbra a ocupação em um dado momento, construções estas realizadas pelos imigrantes. Como BAHL (2004, p.55) levanta na sua obra, essa “diversidade de elementos humanos pode, de certa forma, apresentar subsídios para a ampliação da oferta turística em uma determinada faixa de mercado nacional”.

Políticas públicas de conservação de patrimônio

O que foi possível notar, com visitas aos bairros aqui discutidos, é que os que apresentam melhor preservação do patrimônio italiano possuem instituições que defendem o tombamento de edificações que relembram a ocupação italiana no bairro e a preservação da cultura italiana e manifestações da mesma demonstrando a presente memória coletiva dos moradores. Cita-se como exemplo no bairro da Mooca a AMOMOCCA – Associação de Moradores e Amigos da Mooca, e no bairro do Bixiga, o Centro de Memória do Bixiga. Na pesquisa não se observou nenhuma instituição que trabalhasse pela preservação do bairro do Brás e no quadro da pesquisa é o bairro que apresenta maior degradação.

Por luta de moradores e das instituições já mencionadas, o bairro do Bixiga apresenta muitas áreas tombadas – dentre os que se destacam: Casa de Dona Yayá, Castelinho Brigadeiro, Teatro Brasileiro de Comédia – TBC, Teatro Oficina, Vila Itororó. A Mooca tem tombado o conjunto das edificações localizadas no perímetro formado pela Rua Borges de Figueiredo, Rua Monsenhor João Felipo, Avenida Presidente Wilson e Viaduto São Carlos (Setor 028, Quadra 046). No Brás os bens tombados são: a Hospedaria dos Imigrantes e seu arquivo, a Estação do Brás, Edifício Teatral, Moinhos Matarazzo, Tecelagem Mariângela e outros 15 imóveis.

Atualmente a Prefeitura da cidade apresenta um projeto de Revitalização do Centro, mas que infelizmente não inclui esse perímetro, deixando margem à perda e descaracterização desse registro de época.

HERANÇA ITALIANA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Arquitetura: Muitos imigrantes vieram para a lavoura, mas muitos já tinham outras profissões. Quando tiveram oportunidade saíram do campo para exercer seu verdadeiro ofício e,

pela demanda, alguns se dedicaram à arquitetura. Eram considerados artesãos, obreiros, artífices e se tornaram mestres de obras e arquitetos. Assim, a cidade de São Paulo construída de taipa e com ar provinciano, ganhava ares europeus. A preservação dessa arquitetura remanescente permite compreender as condições de vida e etapas de crescimento da cidade.

Entre 1880 e 1890, São Paulo começa a adquirir aspectos das cidades européias, mas somente em 1890 a 1920 ganha um real aspecto europeu como REIS FILHO (1994, p. 23) descreve dizendo que:

“A imigração intensa, o crescimento da população e as reformas urbanísticas alteraram radicalmente a aparência de grande parte da cidade. Nos primeiros anos do século XX a população de São Paulo, em sua maioria, era européia. E a fisionomia da cidade, em quase todos os aspectos, era também européia”.

As linhas italianas estão presentes no viaduto Santa Efigênia, construído pelo arquiteto Giulio Micheli em 1911 e no Teatro Municipal, por Domiziano Rossi e Cláudio Rossi e em tantos outros edifícios espalhados pela cidade.

A arquitetura italiana imigrante não pode deixar de ser misturada ao modismo da época e as casas mostraram, assim, suas fachadas “compoteiras” com traços neoclássicos e barroco colonial formando o estilo “macarrônico” dos imigrantes italianos. E essa expressiva presença deve-se ao fato de os italianos representarem 4 dentre 5 pedreiros na cidade em 1913 segundo Antonio Piccarolo, um jornalista socialista .

Os “capomastri”, construtores italianos, desenhavam o sobrado com a ponta do guarda-chuva em terra batida no chão. As casas geminadas foram construídas com seus terrenos muito bem aproveitados, com casas que subiam até quatro andares para alugar parte da casa e assim garantir uma maior renda ou trazer novos parentes da Itália.

O patrimônio edificado de uma cidade é projetado para atender a um número populacional. Quando há uma nova escala, o patrimônio acaba por sofrer descaracterização pelo seu uso inadequado e reformas aos pedaços, sem respeitar o projeto original, em resposta ao uso excessivo para o qual não estava preparado, dessa forma muitas construções sofreram alterações sem preservar as linhas originais, muitas apresentam-se, infelizmente, aos pedaços.

Cultura: Podemos falar que a importância da arte italiana no Brasil se deve a inserção dos italianos que conseguiram ascensão financeira em famílias tradicionais brasileiras que passaram, por meio desse tipo de italiano, a valorizar Dante, Petrarca e as coisas mais finas da cultura italiana. Mas não podemos esquecer dos italianos arquitetos e artistas que deixaram sua passagem marcada pela cidade e que encantavam por meio de suas obras.

Os imigrantes italianos também passam a valorizar o que vem da Itália como uma forma de resistência à proletização e de abrandar o preconceito que sofriam como RIBEIRO (1979, p. 54) ressalta dizendo-nos que:

“A tentativa de ascensão do imigrante no Brasil e o resultado mais ou menos precário e mais ou menos temporário desse processo está muito orientado no sentido de evitar a proletização (...) boa parte da tentativa de constituição de um ideal étnico ou de uma comunidade étnica, de preservação de certas características culturais ou de sua elaboração posterior em forma de festas, preservação de costumes, etc, está muito associada a esta perspectiva. E que a perda da possibilidade de evitar a proletização, envolve, inclusive, a perda da possibilidade de continuar a tentativa de preservação de uma identidade étnica do grupo”.

Língua: A língua italiana estava muito presente no cotidiano e no sotaque paulista. Existia uma confusão lingüística e cultural entre o que é português, o que é italiano e o que é dialeto. Como referido anteriormente, o italiano arraigava a cultura regional de origem. Sobre esse fato IANNI (1979, p. 18) afirma:

“Esse ‘*imbróglio*’ lingüístico é, em boa parte, a expressão da situação humana, cultural, social, que é o processo de assimilação n'uma sociedade que, aparentemente, é cristã, ocidental, etc, mas na verdade tem muitas coisas que são muito específicas: esse processo de assimilação dá origem a problemas lingüísticos e culturais extremamente interessantes. Dramáticos para as pessoas, mas extremamente importante para o estudo científico”.

Essa mistura que ambientava o ar da cidade, o “portuliano” foi muito bem representado na figura de Juó Bananere, pseudônimo de Alexandre R. M. Machado, na sua obra *La Divina Incrência*, onde mistura o português com o peninsular italiano e registra passagens do cotidiano paulistano dos primeiros 20 anos do século passado.

Política: O imigrante italiano teve grande participação na política. No país muitos eram anarquistas, mas também existiram fascistas.

Anterior à participação anarquista surgiram associações mútuas religiosas ligadas às paróquias de Nossa Senhora de Achirovita e São Vito Mártir, que tinham como objetivo ajudar os operários em trabalhos assistenciais, como enterros, por exemplo. Posteriormente, surgiram núcleos anarquistas que contaram com uma grande representatividade entre os imigrantes e seus descendentes. Estes eram responsáveis pelas elaborações de diversos jornais, muitos impressos no idioma italiano, como *L’Avvenire*, em italiano e português, *Il Risveglio*, *L’Asino Umano* e *L’Operario*. Cada liga, união ou sindicato organizado pelos estrangeiros tinha seu próprio jornal, dessa forma contribuía para organizar os trabalhadores na luta.

Enquanto em toda a Europa o movimento anarquista se afastava do movimento operário, no Brasil acontecia o contrário, o movimento anarco-sindicalista foi até meados da década de 1930 a principal corrente do movimento operário brasileiro.

Segundo IANNI (1979, p.15), alguns governos italianos procuraram usar os emigrados politicamente. Não só para fazer uma difusão cultural, manter uma relação sentimental com a pátria mãe, mas também manipulá-los politicamente.

“O caso mais notável, e óbvio, é Mussolini. Logo que subiu ao poder, transformou o Commissariato da Emigração em Sub-secretaria de Estado. Muito habilmente, inteligentemente, entendeu que os italianos que estavam nos quatro cantos do mundo eram um elemento de barganha com os governos dos países onde eles estavam, além de servirem para a difusão dos ideais fascistas, para a organização de grupos e etc.”.

Esporte: Com a imigração não tarda ao imigrante reproduzir, dentro de suas condições financeiras limitadas, os esportes e práticas de lazer. Ficam aqui registradas duas práticas muito presentes, uma que ficou um tanto que esquecida, como a bocha – “bocce” – e outra que constituiu grande parte dos clubes de futebol paulistas tais como o Juventus, Palmeiras e o Corinthians.

Comércio e Indústrias: Muitas são as influências culturais dos imigrantes e descendentes italianos na cidade de São Paulo. Isso devido a cidade ter aumentado em número de habitantes muito rapidamente. A imigração trouxe uma demanda repentina de novos produtos, antes somente produzidos pelas fazendas, além da especialização industrial vinda com os imigrantes.

A modificação da idéia do trabalho manual, por exemplo, é possível nesse período em questão, no qual vários dos imigrantes vêm para trabalhar com as mãos, em um país onde esse tipo de trabalho era degradante. Sobre esse assunto, IANNI (1979, p.15) diz que “A moral da sociedade escravocrata é de quem trabalha com as mãos é escravo”. Os imigrantes com seu trabalho na indústria deram uma nova definição de trabalho do operariado, do lavrador e do artesão.

“Os depoimentos indicam um grande respeito da comunidade em relação a sua pessoa representavam o sucesso da colônia italiana na cidade, e também, devia-se à própria personalidade de Francesco, que cultivava hábitos simples, circulando pela cidade sempre com o mesmo terno e bebendo cerveja com seus conhecidos”(LONGUI, 2003. P34).

TRES BAIROS REMANESCENTES DA CULTURA ITALIANA

O que determinou os bairros ricos da cidade também determinou a configuração dos bairros pobres. Onde houvesse um terreno acidentado, uma área de várzea ou mesmo brechas entre bairros ricos, em todo lugar que existisse deterioração ou onde foi possível obter terrenos baratos, foram construídos bairros operários e cortiços. Tudo isso devido a pressão demográfica causada pela grande imigração. Uma tendência somada a abolição que trouxe para cidade ex-escravos. Assim foram formados os bairros em questão: Mooca, Brás e Bela Vista dos quais serão dadas breves informações de sua formação para entender o legado italiano nos mesmos. A

formação inicial desses bairros não foi tão romântica com se apresentam, de forma parcial, em bairros como a Mooca e Bela Vista posteriormente ocupados por boêmios e artistas.

Atualmente esses bairros têm atraído grande número de migrados da região nordeste do país, pessoas que escolhem esses bairros pela localização e suas moradias de baixo-custo, também registra-se grande número de casas que foram ocupadas.

Brás: O bairro do Brás apresenta algumas vilas-operárias, herança de sua formação fabril. Devido a legislação do inquilinato, estabelecida no início da década de 30, quase todas as indústrias mantinham vilas-operárias perto das fábricas. Eram formadas por um grande número de casas, uma ao lado da outra com estreita rua. Algumas possuíam creches ou igrejas, mas isso configurava uma exceção. Existiam também armazéns onde era anotada a despesa, tal como era feito com os colonos nas fazendas. Dessa forma as indústrias desembolsavam muito pouco com salários.

Essas casas eram alugadas aos operários que mantinham um vínculo mais estreito com a fábrica. Os operários que construíram as casas eram os mesmos que quando não ocupados na fábrica eram dispostos para tais construções. Muitos conjuntos habitacionais nos bairros do Brás e da Mooca, construídos em 1890 a 1930, tiveram essa origem. Os mais famosos foram os da Vila Maria Zélia, da Fábrica Santana, de Álvares Penteado, e das fábricas de Francisco Matarazzo e dos Crespi. Algumas vilas melhoradas com equipamentos técnicos, hidráulica e eletricidade foram transformadas em habitações de classe média.

Por volta da década de 50, com o avanço das rodovias, as fábricas foram se implantando em municípios periféricos da grande São Paulo, mas uma parte importante dos velhos pavilhões ainda existe e como nos lembra REIS FILHO (1994, p.117) “Seria de grande interesse que se pudesse elaborar um plano de aproveitamento mais racional, seja dos velhos pavilhões industriais, seja das vilas operárias, que poderiam ser de grande utilidade, com novos usos”.

O bairro do Brás ainda é beneficiado com o maior acervo de imigração italiana na cidade, o Memorial do Imigrante, a antiga hospedaria que recebia os imigrantes até que eles encontrassem trabalho, de preferência no campo. O que determinou em grande parte a presença desses imigrantes nos bairros da Mooca e Brás foi a instalação da hospedaria.

Bela Vista: O antigo bairro do Bixiga, atualmente Bela Vista, possuía muitas vilas comerciais e cortiços de vielas. Sua localização, terreno íngreme e irregular, determinou sua ocupação comercial. As casas mantinham em sua frente uma residência comum, mas seus fundos abriam para uma série de cômodos que tinham separado instalações sanitárias e tanques de lavar roupa. Essa forma de habitação ocupava em geral terrenos irregulares. Seus espaços comuns supriam, em parte, a falta do espaço privado e criava condições para convívios sociais estreitos os quais algumas vezes eram motivos de alegria e animação e em outras davam margem para conflitos violentos.

Para a região do Bixiga dirigiram-se muitos artesãos, especificamente calabreses, desiludidos com o campo, ou mesmo manifestando a idéia de morar na cidade. Construíram oficinas, sapatarias, alfaiatarias e padarias. O Bixiga também foi escolhido por portugueses, espanhóis e negros, estes últimos, ocupando a baixada do Bairro.

A imagem do Bixiga hoje é outra, manifesta um ar de tradição e de memória, possui muitas cantinas, restaurantes, bares, cafés, teatros e casas noturnas, além das entidades que lutam para a preservação dessa memória. O bairro possui muitos remanescentes da ocupação italiana, tais como: Vila Itororó, Vila Joaquim Antunes, Vila São José, Vila Zamataro, Igreja Nossa Senhora de Achiropita, Praça Don Orione, Centro de Memória do Bixiga, o antigo Museu do Bixiga, Cantina Capuano, Padaria Basilicata e muitas casas com fachadas do período. Grande parte do bairro está sobre a proteção de tombamento.

Mooca: O bairro da Mooca, dentre os bairros escolhidos para esse trabalho, apresenta o maior número de moradores descendentes de imigrantes, muito organizados e com muito interesse em preservar o bairro. Sua aparência atual mescla traços do Brás e do Bixiga. Foi um bairro de ocupação fabril e por isso possui ainda muitos galpões de fábricas como o Cotonifício Crespi – hoje restaurado, foi adquirido pelo Supermercado Extra – e vilas, mas também apresenta grande número de casas geminadas com detalhes muito singulares. Os imigrantes possuíam uma residências simples, mas ricas em minúcias que as diferenciavam umas das outras.

Hoje o bairro está transformado por ações de modernização como o metrô, mas possuem muitos casarões, cantinas, pizzarias, galpões de fábricas e antigas ocupações que rememoram os imigrantes.

FESTAS DE ORIGEM ITALIANA

Ao se deparar com um país estranho como o Brasil, os imigrantes sentiram necessidade de proximidade com a sua origem, mas supriram essa carência importando o santo da terra natal. Assim a festa se caracteriza como tradição importante, “todas as festas, das maiores às menores, não apenas atualizam mitos, como revivem e colocam em cena a história do povo, contada sob seu ponto de vista (AMARAL, 1998, p.7)”. Com referência à importância da festa no cenário brasileiro e a perpetuação de sua raiz, AMARAL (1998, p.5) fala dos primeiros imigrantes no país:

“Vivendo n’um ambiente desconhecido e de constante enfrentamento de adversidades, os novos habitantes do Brasil tinham nas festas, principalmente as religiosas, um momento de descanso, devoção e lazer e renovação de ânimo e das esperanças, além da afirmação de seus valores mesmo distantes de sua terra natal”.

Essa citação lembra-nos do impacto sofrido pelo imigrante que apesar de possuir a mesma religião e uma língua de origem latina, deparou-se com diferenças muito evidentes no novo espaço que passou a habitar.

Atualmente as festas apresentam-se muito semelhante entre si, são as mesmas músicas, os mesmos cantores convidados, os mesmos pratos. Com algumas singularidades, mas não se sabe até quando preservaram – ou preservarão – seus caracteres originais.

Todas estão na rua e circundam a igreja do seu padroeiro(a). Possuem cantinas fechadas com venda antecipada de ingresso e principalmente nesse local estava o maior número de turistas.

Em matéria de infra-estrutura a igreja conta em grande parte com participação da comunidade. Algumas outras instituições fornecem estrutura para palco, cantina, som e

divulgação, como é o caso da *São Paulo Turismo*. Graças a uma equipe de apoio e patrocinadores, as festas têm conseguido manter a Igreja que passou risco de inexistência pelas comunidades carentes. Isso explica a presença de marcas nas barracas como *Itaú, Dona Benta, Quero, Fiat* entre outras.

Muitas vezes as festas apresentam uma descaracterização ou mesmo uma poluição visual devido à agressiva propaganda com ‘logos’ dos patrocinadores expostos por toda a festa, outras vezes chega-se mesmo a esquecer a preocupação inicial da mesma. Os patrocinadores não variam muito nas festas e chegam a dar um ar de homogeneização. De principio, quem vê as festas as acha muito parecidas. O que acontece é que nem sempre os patrocinadores respeitam o elemento motivador da festa – o caráter imigrante-italiano. Sobre o uso da imagem de eventos para a propaganda de produtos AMARAL (1998, p 7–8) fala-nos o seguinte:

“No Brasil, também, as festas populares movimentam milhões de dólares em sua produção, providos patrocinadores que a vêm usando como mais um lucrativo espaço para a inserção de propaganda e promoção de consumo, investindo a cada ano mais neste filão. Não se trata, contudo de a festa ter sido invadida pela publicidade e arrancada das massas populares e, sim das necessárias negociações para seu crescimento juntamente com a percepção, por parte das populações, das vantagens, além do divertimento, que ela é capaz de proporcionar ao crescer, mesmo se para isso for preciso que algo se transforme um pouco”.

Apesar de pouco reverenciada, a festa tem o objetivo de arrecadar dinheiro para a igreja e para manutenção de suas obras assistenciais. Como nos lembra AMARAL (1998, p.6):

“As festas eram, como em geral o são ainda hoje, patrocinadas pela população. A Igreja Católica pedia a cada habitante, fosse ele nobre, mendigo ou escravo, que doasse dinheiro ou prendas para a festa dos santos. Pedia (e obrigava) que todos participassem, apresentando danças, alegorias, bandeiras, etc. Nas procissões em homenagem aos santos. Com isso, a organização para a festa, pôde ser aprendida ao mesmo tempo em que os diferentes segmentos sociais iam encontrando brechas para inclusões de seus símbolos nelas. Deste modo, as diferentes culturas que se encontram no Brasil foram introduzindo elementos nas festas religiosas,

como música, dança, símbolos religiosos, que acabaram se incorporando definitivamente a elas”.

As festas fazem parte do calendário de eventos da cidade e atraem o público em grande parte devido à sua divulgação. O que faz com que muitas já estejam, antes mesmo da festa começar, com muitos convites da cantina vendidos. No período das festas, muitos descendentes da 2º e 3º geração que não moram mais nos bairros retornam, comprovando assim o turismo étnico.

São Vito Mártir: A história da São Vito Mártir está envolvida com a vinda do santo e da imagem da Itália. Os italianos do Brás, que fizeram parte desta comunidade, construíram a igreja e trouxeram sua tradição que passou a ser reconhecida como uma entidade religiosa em 1940.

A igreja de São Vito tem uma arquitetura diferenciada das igrejas tradicionais, pois ao invés de uma capela, possui um prédio como sede. Infelizmente por falta de verba a igreja sofreu muitas alterações e só atualmente vem sendo restaurada com uma tentativa de manter sua arquitetura original, isto é, parte que resta, devido ao interesse da Diocese.

A origem desses imigrantes trata-se de Polignano A’Mare, o mesmo nome da rua onde situa-se a igreja de São Vito Mártir. A igreja possui imagens de santos, via sacra, porta de entrada e a imagem de São Vito Mártir vindas da Itália.

A festa de rua de São Vito Mártir tem 90 anos e foi realizada nos fins de semana de 31/05 a 13/07/2008. Apresenta uma cantina coberta e barracas de comidas típicas italianas como macarronada, pizza, nhoque, lasanha, ficazzella, polenta, porpeta, mortadela no pão, doces e um prato que, dentro das festas italianas que acontecem na cidade de São Paulo, é a única que apresenta, a guimirelle – churrasco de fígado, envolto de tripa de porco com louro – especialidade *Poliganesa*. Seu palco também é o único que fica na rua para a visibilidade de todos.

A comunidade da igreja de São Vito tem um projeto de resgate da cultura italiana e especificamente dos italianos que vieram morar no entorno, e suas festas, em parceria como o *Museu do Imigrante* apresentam uma exposição no Espaço Cultural São Vito.

A região de origem desses imigrantes tem uma tradição culinária com uma forte presença da batata. Segundo o Diácono Alfredo, responsável hoje pela administração da comunidade e organização da festa, a festa do santo na Itália é conhecida como a festa da batata, artigo este presente na culinária da festa, incluindo a tradicional Ficazzella – 14% das respostas dadas pelos entrevistados apontam esse prato como o mais italiano na festa.

O local onde a igreja está instalada trata-se de uma zona cerealista mostrando a ligação do trabalho desenvolvido pelo imigrante e seus descendentes até hoje.

O bairro sofreu uma descaracterização, mas ainda possui uma arquitetura que remete a antiga ocupação de cortiços, casas geminadas e sobrados com comércio no térreo. No entanto, sofrem uma ameaça pela crescente verticalização da cidade que busca cada vez maior espaço para a construção de novos condomínios, inclusive uma dessas construtoras, a Klabin Segall, cedeu o espaço para exposição da Vila São Vito, onde futuramente será construído um edifício residencial.

Existe um casal representante dessa imigração no bairro: Francisco e Neide. Esse casal hoje é responsável pela barraca das Nonas, ex–moradoras do bairro que voltam para trabalhar na Festa fazendo as ficazzellas.

A festa recebe cerca de 120 mil visitantes anualmente. Muitos descendentes, apesar de não estarem no bairro, possuem uma ligação com a paróquia e muitos deles tornaram-se patrocinadores da festa, como é o caso do dono da *La Pastina*.

San Gennaro: A festa de San Gennaro é a mais recente das festas italianas da cidade de São Paulo. No entanto já existia internamente como festas juninas e passou a ser de rua comemorando, assim, sua 35ª edição em 2008, para auxiliar em obras da igreja. Seu público é de cerca de 120.000 pessoas. Esse evento acontece no Bairro da Mooca na Rua da Mooca atrás da igreja e na Rua Lins. Acontece aos sábados e domingos do mês de setembro e nesse ano foi até o dia 12 de outubro, sendo que a comemoração do padroeiro é 19 de setembro.

A festa é vista pelos organizadores como religiosa e étnica e os mesmos frisam que a participação de outras descendências é grande, assim como o é a presença destes no bairro. A festa tem uma característica nostálgica e rememora vivências antigas, por isso move tanto os

moradores a participar. Os participantes e visitantes das festas estão entre descendentes de italianos, portugueses, espanhóis entre outros, ex-moradores e moradores do bairro, a comunidade religiosa San Gennaro e turistas, inclusive italianos. Os organizadores são o pároco e os casais da igreja, e mais 400 voluntários que trabalham em prol da igreja.

A San Gennaro apresenta barracas com macarrão, fozazza, vinho, doces típicos e outros pratos não italianos como o churrasco no pão e no espeto.

É muito semelhante com as outras festas e, pela proximidade, muitos freqüentadores são participantes da Festa de Nossa Senhora de Casaluce também e trabalham nesta festa – 70% dos freqüentantes da Nossa Senhora de Casaluce vão a San Gennaro.

A igreja está sendo reformada, mas sofreu muita descaracterização da construção original realizada pelos imigrantes e seus descendentes. Possui um altar muito peculiar todo em mármore. Ele e o sacrário são advindos da Itália.

Nossa Senhora Da Achirópita: A maior festa italiana da cidade de São Paulo, com um público aproximado de 200.000 pessoas acontece no Bairro da Bela Vista, na Rua 13 de Maio nos fins de semanas do mês agosto. Tem 82 anos de existência e foi introduzida no Brasil pelos italianos, principalmente originários da Calábria. Possui mais de 900 voluntários que se sensibilizam com as obras sociais da paróquia. Esse ano teve de ser estendida às ruas São Vicente e Dr. Luiz Barreto devido à quantidade de pessoas que circulam durante a sua realização.

São ao todo trinta barracas com comidas típicas como fozazza, fricazzas, polentas, antepasti, peperoni, melanzanas, macarrão, pizza e calabrezas, doces típicos italianos, mas também possuem barracas de churrasco, brinquedos e jogos para as crianças. Acontece ainda procissão, cantina na parte interna da igreja, novena, missas e sorteios.

O terreno da igreja foi doado pelos imigrantes italianos e a construção da mesma, como ela está hoje, foi devido a arrecadações desses imigrantes com suas festas de rua que promoviam leilões de tonéis de vinho vindos da Itália e outros pratos produzidos pelas ‘mamas’. A igreja possui quadros vindos da Itália como o quadro de São Felipo, Nossa Senhora de Achirópita e Santo Antônio.

Os organizadores da festa são os próprios participantes da comunidade Achiropita, onde 5 casais mais o padre gerenciam os voluntários e os remunerados. Estes últimos são cerca de 30 à 40 pessoas que participam na limpeza ou ajudantes gerais.

A cantina interna possui muitas reservas de caravanas advindas do interior da cidade e do Rio de Janeiro.

Nossa Senhora De Casaluce: A festa de Nossa Senhora de Casaluce é a mais antiga e tradicional festa italiana da cidade de São Paulo. Tem 108 anos de realização e abre o calendário das festas italianas. Ela acontece na Rua Caetano Pinto, 608 no bairro do Brás e tem um público aproximado de 30.000 pessoas por todo o mês de maio.

A festa de Casaluce teve iniciativa da simplicidade do imigrante trabalhador sem recursos financeiros que usava o espaço da festa não só para uma sociabilização, mas também para arrecadar dinheiro e construir a igreja sustentando obras sociais que beneficiavam patrícios italianos. Sua estrutura inicial continua presente nas festas, usando o espaço público da rua próxima à igreja com barracas de comidas típicas e procissão pelo bairro com os fiéis.

Hoje existem as barracas das nonas, que são descendentes de italianos que oferecem pratos como o antepasto, macarronada, pizza, fogazella e sfogiatella, mas muitos não descendentes também estão presentes na festa, estes últimos mais ligados à questão religiosa.

Outros elementos foram adicionados como shows musicais, grupos folclóricos, coral e teatros. Barracas de elementos não italianos como churrascos, pula-pula, entre outros, também estão presentes para distração de crianças e público em geral.

Por tal dimensão, a festa constitui-se atraente ao mercado local e de comercialização. A política também se aproveita de tais elementos visitando as festas. Candidatos e políticos utilizam a imagem da mesma para ganhar eleitores que freqüentam o evento. Muitas vezes tais proveitos tem afastado da festa a sua finalidade cultural.

A festa sobrevive por um interesse e concentração dos organizadores, no entanto, mediante pesquisa *in lócus*, o que se percebe é que a maioria das pessoas que trabalham na festa é sim descendente de italianos, mas não são mais moradores do bairro.

O espaço da rua é alugado para venda dos produtos e uma porcentagem das vendas retorna à comissão organizadora. As bandas, artistas e bailarinos são contratados.

O que é claro na festa Di Casaluce é que apesar de sua tradição existe uma deficiência em sua divulgação, pois dentro do quadro das festas italianas que acontecem na cidade, esta é a que recebe menor número de visitantes, apesar de oferecer o mesmo que as outras.

ANÁLISE DA PESQUISA

A pesquisa realizada nas festas foi vista como uma possibilidade de coletar dados sobre possível público étnico. Não se levou em consideração análises minuciosas de comparação entre as festas, isto é, apurou-se a existência, ou não, de um público para turismo étnico em São Paulo e quanto o legado presente na memória coletiva poderia ser aproveitado.

Dos participantes que se declararam moradores da cidade de São Paulo – 88% do total – 30% moram nos bairros correspondentes aos das festas, destes: 15% no bairro Mooca, 9% no Brás e 6% na Bela Vista. Muitos descendentes que conseguiram uma melhora econômica se deslocaram para bairros vizinhos e movem-se todos os anos para participar do evento e isto é obrigatório no calendário da família. Dos pesquisados 45%, são descendentes de italianos e 1% é italiano nato. Dos descendentes, 18% responderam que são filhos de italianos, 49% são netos, 26% são bisnetos e 6% tataranetos. Pode-se ver, dessa forma, que a mobilidade tem como motivo principal a identificação da família com a festa.

Os outros 12% dos entrevistados que não moram na cidade residem na grande São Paulo, sendo: 24% de Santo André, 15% de Guarulhos, 15% São Bernardo, 10% de Barueri, 10% de Taboão da Serra, 5% de Osasco, 5% de Cotia. Os outros 15% são do Estado do Piauí e Bahia. Esses dados demonstram a importância das festas como lazer para os paulistas e paulistanos muito mais que para os moradores de outros estados. Talvez a cidade já seja atrativa por ser um pólo de desenvolvimento e contar com um aparato cultural, de compras e eventos suprimindo em parte a necessidade de lazer das áreas próximas.

Outros descendentes que não moram nos bairros, quando questionados sobre ‘onde moram’, dizem viver no Tatuapé – 6% dos entrevistados, Ipiranga – 3% dos entrevistados, entre outros, mas não deixam de mencionar o vínculo que às vezes apresentam com o bairro “italiano”.

Não se deve esquecer que muitos outros bairros receberam a presença imigrante. Muitos demonstraram o laço afetivo com o bairro lembrando sua infância ou histórias familiares e apontam estes bairros como os elementos que mais identificam a imigração italiana na cidade de São Paulo – dos 74% entrevistados que identificam algo de italiano em São Paulo responderam que o tem de mais italiano na cidade é o bairro da Bela Vista, com 24% das respostas, Bairro da Mooca com 17% e o Brás com 11%. Esses dados confirmam que o remanescente histórico nesses bairros pode ser aproveitado para a formação de um roteiro étnico.

Os visitantes das festas, em geral, são levados à elas principalmente pela gastronomia – 37% dos entrevistados – pela história da família (11%), para realizar trabalho voluntário (9%). O que faz-nos afirmar muito mais seu caráter gastronômico-italiano do que religioso – com 5% das respostas. Esse dado somado a 77% das repostas que afirmam que essas festas identificam os italianos, definem seu perfil étnico.

Os visitantes citam a arquitetura dos bairros aqui pesquisados como remanescentes dos imigrantes italianos – 52% das respostas dos entrevistados – e os restaurantes e as cantinas – com 16% dos entrevistados. Entre outros destacam-se: a alimentação com 12%, sotaque 6%, clubes e instituições 5% e arquitetura 5%.

As músicas italianas folclóricas são vistas como elemento importante da composição da festa – opinião de 42% dos entrevistados – e é uma representação necessária para os organizadores do que é ‘italiano’. Talvez isso se deva a homogeneização, já dita, nos eventos. Ainda se tratando das características da festa, 36% dizem que os pratos é que tornam a festa italiana, seguido por ambiente da festa com 11%, decoração com 5%, presença de descendentes com 4% e o bairro em que são realizadas com 2%.

Com 14% das repostas, dos 27% que foram a primeira vez, apontam como principal motivo ‘conhecer’, isto demonstra um público novo na festa que pode ser fidelizado.

Os laços dos descendentes com os imigrantes pode ser verificado no contato com o idioma, onde 60% ainda mantém algum conhecimento do idioma italiano, sendo estes: entender (38%), falar (21%), ler (13%) ou escrever (10%). Dos entrevistados, 13% visitaram a Itália e 18% possui contato no país com parentes, 6% amigos, 4% turístico, 4% negócios e cultural. Quanto a ascendência do cônjuge ser italiana, 32% responderam que estes são descendentes.

Muitos disseram que a tradição italiana que permanece na família está ligada à culinária – 40% dos entrevistados – e que em geral o paulistano tem uma alimentação muito italiana – 12% em resposta a identificação da cultura italiana na cultura paulista. Em seguida apontam como tradição ainda presentes manifestações de fala e gesto (6%), ir (ou) trabalhar nas festas (6%), religiosidade (4%) e 38% disseram não ter tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bairros que antigamente abrigaram o operariado imigrante e se construíram estão sofrendo uma pressão pelo crescente apelo vertical e de isolamento pelo qual a cidade vem passando. Cabe aos interesses dos moradores, juntamente com ações públicas, a preservação do patrimônio já a muito latente na mente das pessoas moradoras dessa cidade e de outras. Apresentam outras vezes um quadro de degradação social, marginalização e desprezo pela preservação dos bens históricos e simbólicos, fruto da negligência pública e face às demandas da região econômica central.

Havendo um processo de revitalização do centro de um lado e um processo de verticalização do outro, o que dá claro avanço para esses bairros é a abertura de condomínios. Muitos galpões antigos de fábricas já estão sendo adquiridos para tais fins.

Pela pesquisa realizada pode-se falar que os italianos que aqui vieram morar não eram uma massa homogênea e, apesar de serem coesos em alguns pontos para sobreviver em uma pátria alheia, traziam elementos de sua região. Hoje as pessoas que vão às festas italianas – não os participantes da organização do evento – vêem os imigrantes com um olhar de uma Itália contemporânea, anulando os elementos regionais que os diferenciavam como napolitanos, calabreses e outros. As festas também, por não apresentarem pesquisas de origem ou resgate da cultura da época ou da península da qual esses imigrantes se originam, demonstram uma padronização, o que pode ocasionar a ‘morte’ dos eventos ou a sobrevivência de uma delas em detrimento das outras.

Os bairros sofreram muita alteração e as igrejas, símbolo sobre o qual circundam as festas, também. Por ignorância de alguns, objetos com sensibilidade artística diferenciada foram

transformados por uma reforma de tinta e cimento sem maiores interesses de preservação. No entanto ainda possuem construções de época disseminadas pela área.

Tendo essas festas uma sazonalidade e ocupação geográfica no bairro que recebeu grande fluxo de imigrantes italianos, uma reforma de infra-estrutura urbana beneficiaria não só a população local do bairro, mas também a paulistana como um todo, visitantes e turistas do evento, aumentando assim, por conseguinte, o número de visitantes.

Divulgação de outros elementos italianos presentes na cidade como o Edifício Martinelli, Cantinas, Galpões de Fábricas etc, poderiam ser vinculados às festas e firmar um ‘produto étnico’ para o turismo cultural. A partir dos dados da pesquisa considera-se a viabilidade de um turismo/lazer étnico, mas com a configuração atual, a visitação a algumas partes dos bairros é dificultada devido ao abandono, falta de iluminação, ruas sujas e com problemas de segurança. Torna necessária uma maior atenção à preservação do patrimônio material e imaterial desses bairros junto a uma manutenção básica já descrita acima. Por serem em sua maioria festas de tradição, como a visita indicou, os visitantes percebem a perda constante dos elementos culturais italianos, o que os afasta e promove uma falência do evento.

Os bairros hoje dependem muito de uma maior participação pública, não só para as revitalizações físicas de preservação e instalação de espaços de lazer, mas também de um trabalho social que alie a antiga ocupação imigrante presente no imaginário coletivo e a presença atual nordestina de forma a resolver ou diminuir conflito e imagem preconceituosa da população. Dessa forma, os bairros poderão ser novamente um bairro residencial mais atraente a visitantes e moradores.

Referências Bibliográficas

ALVIM, Zuleika Maria Forcione. **O Brasil Italiano (1880 – 1920)**. 2. ed. Fazer a América. Fausto, Boris (org.). São Paulo: EDUSP, 2000.

AMARAL, Rita de Cássia. **Sentidos da Festa à Brasileira**. p. 5 – 8. In.: Revista Travessia. mai – ago, 1998

BAHL, Miguel. **Legados Étnicos & Oferta Turística**. Curitiba: Juruá, 2004.

———. **Legados étnicos na cidade de Curitiba**: opção para a diversificação da oferta turística local. São Paulo: ECA/USP, 1994. (Dissertação de Mestrado)

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 8. ed. São Paulo: SENAC, 2003.

IANNI, OCTÁVIO. **Debates**. Imigração Italiana: Estudos. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979.

LEITE, Celso Barroso. **O século do lazer**. São Paulo: LTR, 1995.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

LOGHI, Carla Reis. **Mãos que fizeram São Paulo**: a história da cidade contada em recortes biográficos. São Paulo: Celebris, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades**: Produção social e degradação dos espaços urbanos. São Paulo: Hucitec, 1994. 215p.

RIBEIRO, Eunice. Pesquisa sobre imigração italiana – Paineis . **Imigração Italiana**; Estudos. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979. 282p.

SEBRAE. **Sistema de Recepção a turistas**. Programa SEBRAE – SP de desenvolvimento do turismo receptivo. Núcleo de turismo. São Paulo, 2003.